

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: A VIAGEM PERMANENTE
– O CINEMA INQUIETO DA GEÓRGIA
22 e 31 de Outubro de 2020

GOGONA DA CHADREVANI / 1967
“A Menina e a Fonte”

um filme de Karlo Sulakauri

Realização: Karlo Sulakauri / **Argumento:** Edicher Kipiani / **Fotografia:** Guivi Kasradze / **Direcção Artística:** M. Murvanidze / **Música:** Sulkhan Nassidze / **Som:** David Lomidze

Produção: Kartuli Pilmi / **Cópia:** em Ficheiro, original em 35 mm, cor, legendado electronicamente em português e inglês, do Centro Nacional do Cinema Georgiano / **Duração:** 9 minutos

GRDZELI NATELI DGUEEBI / 2013
“Eka e Natia”

um filme de **Nana Ekvitimichvili e Simon Gross**

Realização: Nana Ekvitimichvili e Simon Gross / **Argumento:** Nana Ekvitimichvili / **Fotografia:** Oleg Mutu / **Montagem:** Stefan Stabenow / **Direcção Artística:** Kote Djaparidze / **Desenho de Som:** Paata Godziachvili / **Interpretação:** Lika Babluani (Eka), Mariam Bokeria (Natia), Zurab Gogaladze (Kote), Data Zakareichvili (Lado), Ana Nidjaradze (a mãe de Eka), Maiko Ninua (Sofiko), Tamar Bukhnikachvili (a mãe de Natia), Temiko Tchitchinadze (o pai de Natia), Berta Khapava (a avó de Natia), Sandro Chanchiachvili (o irmão de Natia), Marina Djanachia (a professora), Guiorgui Aladachvili (Kopla), Guia Chonia (o amigo de Kopla)

Produção: Simon Gross, Nana Ekvitimichvili, Guillaume de Seille / Indiz Film, Polare Film, Arizona Films, Zweites Deutsches Fernsehen / **Cópia:** em DCP, original em HD, cor, legendado em inglês e electronicamente em português / **Duração:** 102 minutos

Olhares sobre a juventude, que no segundo filme (ambientado em 1992) é também um olhar sobre a juventude de um país que, então (no tempo da acção do filme), se tornara finalmente independente.

Gogona na Chadrevani é um filme de um lirismo artesanal, assinado por um dos maiores vultos da animação georgiana, Karlo Sulakauri (1924-2000). É, também, um lirismo construído com elementos minimais, marionetas e cenários artesanais, que se desenvolve de forma poética e alusiva em torno de uns quantos leitmotivs – a rapariga, a janela, a fonte. É sonhador, evidentemente, no sentido “infantil” do termo, e é uma espécie de sonho do “universo”, quase – quase – como uma cosmogonia de sentido um pouco obscuro. Lê-se que o trabalho de Sulakauri, como presumivelmente o de muitos outros realizadores georgianos, era vigiado de perto pela censura soviética, sempre

desconfiada de “simbolismos”. A indefinição dos “significados” do filme, a enorme margem de “interpretação” que fica para o espectador, terá certamente a ver com esse jogo do gato e do rato; e o que fica é um pequeno poema de um lirismo simples, aproximável, no tom, de alguns filmezinhos que Iosseliani (citamo-lo outra vez, já que é a nossa maior referência para o cinema georgiano) por esta altura dirigia, como **Sapovnela**, a “canção de uma flor”.

Flash-forward para o século XXI, num filme que por sua vez faz um flash-back aos anos 1990 e ao tempo da Geórgia recém-saida da independência (ou, melhor, recém-entrada). É uma história de “coming age”, que segue duas raparigas adolescentes, Eka e Natia, nos seus quotidianos familiares, amorosos, etc. Nada é paradisíaco (a família de Natia, por exemplo, é um caos), e há uma evidente rima entre os contextos em que as raparigas vivem e o contexto em que o país vivia (a guerra civil na região da Abkázia), uma violência muda, raramente expressa, mas simbolizada, de certa forma, pelo revólver dado a Eka e ao seu papel na narrativa. Com um operador (Oleg Mutu) vindo da “nova vaga romena” (trabalhou com Cristian Mungiu, por exemplo), o filme de Ekvtimichili e Gross aposta numa espécie de dilatação temporal, planos longos que criam uma tensão particular e nalguns momentos fazem da “durée” de cada plano o acontecimento central (como a cena da dança no casamento, por exemplo). O procedimento aguça o sentido de realismo do filme, mas também uma espécie de fuga à explicitação e à enunciação dos “temas”; e é assim que, a esse nível, as cenas mais significativas parecem ser, também, aquelas mais “livres” de um peso narrativo, como o caso daquela assembleia de miúdas que discutem “moral sexual feminina” (tentam definir o que é e quem é uma “galdéria”), e que de modo perfeitamente eloquente mostra que aquelas raparigas já não são como os seus pais e as suas mães, inauguram um tempo diferente e uma mentalidade diferente. Retratar a emergência desse tempo e dessa mentalidade é **Grdzeli Nateli Dgueebi**.

Luís Miguel Oliveira